

CADERNO DO EDUCADOR



FICHA TÉCNICA

Realização

NECA - Associação de Pesquisadores e Formadores da Área da Criança e do Adolescente - SP

Diretoria

Diretor Presidente - Celso Veras Baptista

Diretora Vice-Presidente - Telma Gutierrez de Souza

Diretora Administrativa e Financeira - Maria do Carmo Krehan

Produção de conteúdo

Alice Alvina Duarte de Bittencourt



Juliana Saliba Di Thomazo

Revisão técnica

Alice Alvina Duarte de Bittencourt

Juliana Saliba Di Thomazo

Revisão de texto

Alice Alvina Duarte de Bittencourt

Dayse Cezar Franco Bernardi

Juliana Saliba Di Thomazo

Maria do Carmo Krehan

Maria Lucia Carr Gulassa

Milton Fiks

Projeto gráfico

Bianca Saliba Di Thomazo

SUMÁRIO



Apresentação	1
O serviço de acolhimento	4
O papel do educador	10
Convivência Familiar e Comunitária	15
Práticas Educativas	20
É tempo de brincar	24





APRESENTAÇÃO

Esse caderno foi elaborado como um instrumento de aprendizagem. Ele aponta alguns possíveis passos para uma mudança importante no acolhimento institucional. Uma mudança necessária e de alta complexidade.

A prática do acolhimento tem promovido um permanente repensar desta instituição que atende a criança e o adolescente afastados de suas famílias. Do orfanato ao abrigo, do abrigo ao serviço de acolhimento. Mudou o nome, o sentido, a função e as formas de trabalhar. A função fundamental da instituição de acolhimento é que cada atendido tenha o direito a ser, com dignidade e que possa ter consciência de si:

"Quem sou eu? De onde eu vim? Qual é o meu lugar? Quem é meu grupo? Para onde eu vou?"

Para cada integrante do acolhimento, seja ele bebê, criança ou adolescente, a busca deve ser o de garantir direito a desenvolver o melhor do seu próprio potencial. Diante disto, os adultos perceberão que também precisarão fazer o mesmo consigo próprios, e a instituição, como organização, também terá esta mesma busca em relação a si mesma.

O serviço de acolhimento está num constante redescobrir. É uma instituição em que todos se cuidam entre si. Um espaço em que a observação e escuta, compreensão e diálogo permeiam relações e processos.

"Eu sou porque nós somos" (1) O individual nasce deste coletivo solidário.

A instituição vai assim se organizando e se legitimando. Novas leis têm sido promulgadas e reformuladas. O Serviço de Acolhimento é parte da Rede de Proteção da Criança e do Adolescente que contribui e também participa desse caminhar. Todo este processo sistematizado é um Projeto Político Pedagógico

Maria Lucia Carr Ribeiro Gulassa

1."EU sou porque nós somos, essa é a tradução da palavra Ubuntu, originária na África do Sul. A frase é uma inspiração para entender que os indivíduos nascem de uma cultura e reconstróem esta cultura.



O EDUCADOR

Todos os adultos no acolhimento são educadores. Do diretor e técnicos ao porteiro. Todos são responsáveis por este complexo projeto, Todos pertencem e contribuem.

No entanto, há um grupo de educadores que está diretamente responsável pelo cuidado e educação diária da criança e do adolescente. O caderno foi desenvolvido para esse grupo de educadores.

O trabalho desse profissional exige competências e habilidades de alta complexidade. Para que um bom trabalho seja feito, é preciso ter muita presença, formação, sabedoria, equilíbrio, intuição e apoio.

E como preparar o educador?

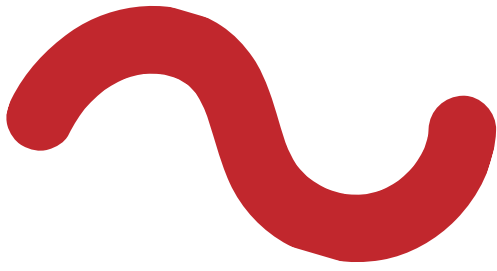
Acreditamos que a melhor estratégia de trabalhar com os educadores deva ser a formação baseada na troca de saberes e diálogos, possibilitando que todos tragam suas experiências, concepções e sentimentos, abrindo caminho para propostas inovadoras.

A principal ferramenta de trabalho do educador é ele mesmo. Sua história, a afetividade com os acolhidos. As habilidades, saberes e sua capacidade de compreensão e escuta são os alicerces da formação.

Outra ferramenta fundamental é o grupo de trabalho. Formações constantes e continuadas fortalecem reflexões conjuntas, aprofundam a consciência de si e do outro e dão valor ao próprio saber fruto da experiência individual e grupal. A filosofia e metodologia da instituição são de responsabilidade de todos que, juntos, constroem novas propostas e pactuam soluções.

Os espaços de formação e supervisão são fundamentais e precisam ser cuidados com seriedade, responsabilidade e uma boa dose de humildade.

Os temas descritos neste livro são orientadores para que educadores discutam, se organizem e pactuem. Eles podem contribuir para a criação de um ambiente de construção de si e de sua comunidade educativa.



APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Os educadores são o coração do serviço de acolhimento.

Acreditamos nisto e investimos tempo e cuidado para que isto aconteça.

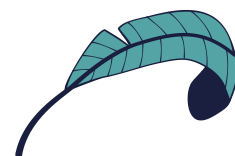
A qualidade no atendimento de crianças e adolescentes que vivem em serviços de acolhimento está intrinsecamente ligada a formação continuada e permanente dos educadores, em parceria com as equipes técnicas.

Este Caderno do Educador foi pensado e elaborado para apoiar o educador no seu caminhar, despertando e valorizando o cuidar atento e pedagógico para cada acolhido que esteja sob sua responsabilidade.

Vamos juntos juntos acreditar que outro mundo é possível para as crianças e adolescentes em acolhimento.

Alice Alvina Duarte de Bittencourt e

Juliana Saliba Di Thomazo





1 SERVIÇO DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O QUE É, AFINAL?

Você já buscou refletir sobre o que é um serviço de acolhimento de crianças e adolescentes?


Pense com calma, consigo mesmo, o que de fato acha que ele é. Tente não definir pelo que está escrito nas normativas e leis.

Sinta quantas palavras lindas e tristes vem a sua mente: **proteção, abandono, solidão, carinho, cuidado, tristeza, revolta, abraço, confusão de sentimentos, raiva, possibilidades** são as palavras que frequentemente surgem quando pensamos em um serviço de acolhimento.

As emoções são importantes, pois elas nos dão força para agir. Elas são o combustível de nossas ações.

No entanto, mesmo que impulsionados por nossos sentimentos e emoções, dentro do serviço de acolhimento, as ações e atividades devem sempre seguir as orientações de uma legislação muito especial, o Estatuto da Criança e do Adolescente -ECA.

Promulgado em 1990, o ECA foi uma enorme conquista e resultado de muito trabalho de profissionais e movimentos que lutavam pela proteção e prioridade da criança e do adolescente nas políticas públicas. .



Então, quando e porque a criança vai para o serviço de acolhimento?

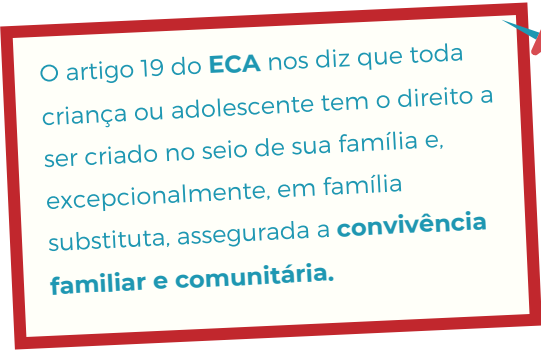
A criança vai para o serviço de acolhimento quando está em risco e não está devidamente protegida e cuidada

O ECA autoriza o afastamento da criança e do adolescente de seu ambiente familiar quando:

a) Esgotamos as possibilidades de apoiar a família para que ela cumpra sua função de cuidado.

Ou seja, a família já está inserida em programas de apoio, já frequenta o Centro de Referência da Assistência Social- CRAS, ou Centro de referência Especializado da Assistência Social - CREAS e, mesmo assim, não consegue proteger seus filhos

b) Não há mais ninguém da família extensa como avós, tios, ou mesmo um vizinho muito próximo, que possa estar com a criança.



O artigo 19 do **ECA** nos diz que toda criança ou adolescente tem o direito a ser criado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a **convivência familiar e comunitária**.

Além do ECA, outro documento, que tem força de lei, e que deve orientar o que fazemos em um serviço de acolhimento se chama “Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes”. Entre tantas coisas importantes, o documento redefiniu **os princípios de um serviço de acolhimento** que devem ser seguidos por todos os municípios e instituições do Brasil.



Princípios do serviço de acolhimento



O afastamento do convívio familiar deve ser uma medida excepcional

A rede de proteção da criança e do adolescente

(escola, CRAS, CREAS, postos de saúde) deve fazer todo o esforço para mantê-los no convívio com sua família de origem (nuclear ou extensa).

O afastamento do contexto familiar deve ser apenas para aqueles casos em que a situação representar grave risco à integridade da criança e do adolescente..



Garantia de acesso, respeito à diversidade e não discriminação

O município e os serviços de acolhimento precisam garantir que nenhuma criança ou adolescente que precise, ficará sem acolhimento. Não é aceita nenhuma forma de discriminação às crianças e aos adolescentes, nem de suas famílias de origem, baseadas em condição socioeconômica, na forma como a família está organizada, etnia, crença, gênero, orientação sexual ou necessidades específicas de saúde.



Provisoriamente do afastamento do convívio familiar

Quando o afastamento for realmente necessário, os esforços da rede devem se concentrar para que o afastamento seja o mais breve possível. O afastamento deve respeitar o prazo máximo de 18 meses.

A permanência de crianças e adolescentes após esse período só deve ocorrer em situações específicas:

- crianças e adolescentes que não possam

voltar a morar com seus pais ou família extensa, porém mantenham fortes vínculos com eles (pais presos, transtorno mental severo, entre outros);

- crianças e adolescentes órfãos ou destituídos do poder familiar, com perfil de difícil colocação em adoção, que necessitam permanecer em serviços de acolhimento por mais tempo, até que seja viabilizada sua colocação familiar ou a conquista da autonomia.





Oferta de atendimento personalizado e individualizado

Toda criança e adolescente tem direito a viver em um ambiente que favoreça o seu processo de desenvolvimento e deve ser cuidado em sua individualidade. Trataremos disso no capítulo 4 destinado a discutir as práticas educacionais.



Respeito à autonomia da criança, do adolescente e do jovem

O trabalho de autonomia com uma criança ou adolescente acolhidos começa quando ela entra no serviço. Uma forma importante de trabalhar a autonomia é garantir que todas as decisões a respeito de crianças e adolescentes no acolhimento considerem sua opinião.



Preservação e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários

Todos os esforços deverão ser feitos para preservar e fortalecer vínculos familiares e comunitários das crianças e adolescentes que estão nos serviços de acolhimento. Trataremos disso no capítulo 3.



Garantia de liberdade de crença e religião

Os antecedentes religiosos de crianças e adolescentes devem ser respeitados pelo serviço de acolhimento e por todos que convivem com eles. Nenhuma criança ou adolescente deve ser incentivado, nem convencido a mudar sua crença enquanto estiver no serviço de acolhimento.

Além disso, os serviços devem contribuir para que a criança e o adolescente possam satisfazer suas necessidades de vida religiosa e espiritual, ajudando a praticar e frequentar atividades de sua religião e garantindo o direito de não participar de atos religiosos que não deseja.



E o educador? O que pode fazer para ajudar a garantir esses princípios?

- Respeitar a história de cada acolhido: não julgar, não contar para outras pessoas que não sejam os técnicos.
- Nunca permitir que a história da criança seja usada para comentários maldosos.
- Respeitar a intimidade: compreender que cada um de nós precisa e gosta de momentos de solidão, de reflexão e até mesmo de choro.
- Procurar entender as necessidades da criança, inclusive as religiosas, informando a equipe técnica quando há algo novo.
- Nunca constranger crianças e adolescentes por comentários ou observações referentes a sua família ou sua condição, qualquer que ela seja.
- Apoiar as crianças nas pequenas conquistas e decisões ensinando-as a se responsabilizarem por seus atos.

Observar cada um dos acolhidos procurando entender seu modo de vida, ajudando a garantir que ele seja respeitado.

Autonomia é a capacidade de tomar decisões adequadas a faixa etária ou, como falamos no dia a dia, capacidade de “se virar”. O educador deve permitir que a criança conquiste sua autonomia pouco a pouco.

Amarrar o cadarço, vestir-se sozinho, escolher a roupa que vai usar, decidir se quer cenoura ou vagem no almoço são formas de exercer autonomia.

Escutar a opinião da criança e do adolescente e leva-la em consideração também deve fazer parte deste processo.

ESTUDO DE CASO

Joana está sem trabalho e vive com a mãe, avó das crianças.

O conselho tutelar recebe uma denúncia vinda da escola de que a criança estava muito fraca por não ter se alimentado. Ao visitar a casa, o conselho se depara com muita pobreza e falta de comida. No entanto, a opção da rede é pelo não acolhimento.

Todos agiram de forma adequada. A família deve receber cesta básica imediatamente e será acompanhada pelo CRAS, que apoiará a família para que se reorganize e não tenha seus filhos afastados. Bolsa Família, cursos profissionalizantes e encaminhamento para outros serviços são algumas das ações pensadas pelo CRAS.



E se, além de fome, a criança estiver mal cuidada?

Joana tem 4 anos e foi acolhida com seu irmão, Samuel, de 8 anos. O motivo do acolhimento foi registrado como "**negligência**", Os filhos não estavam indo a escola e quando o conselho tutelar foi chamado, as crianças estavam sozinhas em uma casa muito suja e sem comida.

Resultado: acolhimento imediato.

No entanto, ampliando a nossa lente, a situação era mais complicada.

A mãe, sem companheiro, desempregada há vários meses, fazia "bicos" e mendigava. Desesperada, sem família de apoio, a mãe começa a beber e agrava a situação.

Esse é um caso em que a mãe não conseguia cumprir a função de proteção e que as crianças realmente tiveram que ficar no acolhimento, até que ela se reorganizasse.

Negligência:
Em podendo cuidar, não cuida.



2 O PAPEL DO EDUCADOR

Um especialista em afetos
Lucas Carvalho

Café da manhã, ajuda na lição de casa, leva à escola e dá banho. A rotina do educador no serviço é marcada pelos cuidados básicos de alimentação e higiene.

No entanto, é entre, e durante, essas atividades rotineiras que está a maior beleza e também os maiores desafios enfrentados pelo educador.

Entre um banho e no caminho para a escola, há muita conversa, escuta e aprendizagens sobre a vida. Durante o jantar e

a escovação de dentes, há explosões de raiva e um choro para apagar.

Saudades de casa e medo na hora de dormir são cuidados com abraços e uma gostosa contação de história. Isso e mais um pouco. Tudo multiplicado por 20.

São 20 crianças e adolescentes de diferentes idades e histórias que têm, na figura do educador, a maior referência de cuidado e afeto enquanto estão acolhidos.

Segundo as orientações técnicas, são atribuições do educador do serviço de acolhimento:

- Cuidados básicos com alimentação, higiene e proteção;
- Relação afetiva personalizada e individualizada com cada criança e/ou adolescente;
- Organização do ambiente (espaço físico e atividades adequadas ao grau de desenvolvimento de cada criança ou adolescente);
- Auxílio à criança e ao adolescente para lidar com sua história de vida, fortalecimento da auto-estima e construção da identidade;
- Organização de fotografias e registros individuais sobre o desenvolvimento de cada criança e adolescente, de modo a preservar sua história de vida;
- Acompanhamento nos serviços de saúde, na escola e em outros serviços requeridos no cotidiano;
- Apoio na preparação da criança ou adolescente para o desligamento, sendo supervisionado por um profissional de nível superior.

As Orientações Técnicas são um norte para o trabalho de todos no serviço de acolhimento, no entanto, além delas, precisamos discutir as delicadezas e complexidades do trabalho do educador.



CONVIDAMOS VOCÊ A PENSAR NAS PARTICULARIDADES E COMPLEXIDADES DO TRABALHO DO EDUCADOR

O educador como exemplo

O educador é observado pela criança e pelo adolescente durante todo o tempo. A criança e o adolescente se espelham no que ele diz e também no que ele faz.

A forma como foi criado, as experiências, a religião e os valores do educador influenciam na forma como se relaciona com cada criança. É muito importante que a conduta do educador não esteja baseada em gosto e preferências, amizade ou rejeição, mas sim em uma conduta ética.

Estabelecer vínculo de confiança e acolher

O trabalho dos educadores é fundamental para estabelecer e fazer novos vínculos que se constroem aos poucos. Para isso, é preciso demonstrar que se importa com a criança e com o adolescente.

Lidar com raiva e frustração

É muito comum que crianças e adolescentes de um serviço de acolhimento tenham crises de choro, raiva e momentos de tristeza.

O educador tem um papel fundamental quando isso acontece. Ele deve ter disponibilidade e condições para acolher a criança mesmo durante um ataque de raiva.



Acreditar na possibilidade de mudança

Quando o educador espera e acredita que há um potencial bom naquela criança ou adolescente, todos agem e criam condições para que as coisas boas se realizem.

Preconceitos e discriminações, palavras e gestos violentos afetam as emoções e relações sociais das crianças e adolescentes.

Pense bem: quando um educador fala repetidamente a uma criança ou adolescente “você não tem jeito”, pode ser difícil para a criança acreditar que pode fazer diferente.





VAMOS PRATICAR !



AO INVÉS DE DIZER: O que a criança não sabe ou como ela repete os erros de sua família

TENTE perguntar: O que sabe, o que gosta de fazer, quais momentos bacanas teve com sua família e do que costumava brincar em casa....

Dessa forma, é possível ajudar a criança ou adolescente a apostar em sua capacidade de superar desafios.

AO INVÉS DE DIZER: Você não aprendeu nada.

TENTE DIZER: O que você aprendeu de bacana na escola?

AO INVÉS DE DIZER: Você está impossível!

TENTE DIZER: Isso é difícil, né? Vamos descobrir juntos como resolver?

Essa frase reforça a ideia de que você está ao lado dela e que pode ajuda-la a passar pelos momentos difíceis.

AO INVÉS DE DIZER: Não se atreva a bater!

TENTE DIZER: Não tem problema você sentir raiva, mas eu não vou deixar você bater. Todos nós precisamos estar seguros.

AO INVÉS DE DIZER: Não fique com raiva!

TENTE DIZER: Estou vendo como você está aflito. Às vezes eu também sinto raiva. O que podemos fazer para nos acalmar? Vamos tentar respirar juntos?

AO INVÉS DE DIZER:: Você errou de novo!

TENTE DIZER: Vamos tentar fazer diferente? ou Lembra daquele dia em que você fez direitinho?

Procure perceber se a criança não está com dificuldade em se concentrar na tarefa naquele momento. Muitas vezes ela precisa de um tempo (estudos mostram que entre 15 e 20 minutos) para descansar e voltar se concentrar.



EXPRESSÕES QUE AJUDAM:

- Estou aqui do seu lado, caso queira conversar ou só ficar quietinha(o).
- Vou ficar com você enquanto estiver chateado(a).
- Você está em segurança agora.
- Você precisa ficar sozinho para se acalmar? Como eu posso ajudar você a se tranquilizar?
- Você pode se acalmar. Eu vou ficar aqui pronto para receber um abraço.
- Pode chorar. Quando você se acalmar, me diga o que está precisando.

EXPRESSÕES QUE ATRAPALHAM:

- Dá um tempo! Cai fora! Saia daqui!
- Pare de chorar!
- Você não tem jeito.
- Não adianta, você não obedece
- Ihhhh, já tá nervosinho de novo!



O educador precisa se preparar para as reações das crianças. No entanto, quando sente que seus limites estão sendo ultrapassados, é preciso dizer:

Estou começando a ficar bravo e vou permanecer aqui até ficar mais calmo.





3

O DIREITO A CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA

Convivência familiar é

Viver e conviver em uma família. Família é um grupo de pessoas que vive junto. Podem ser parentes de sangue ou apenas estarem juntos por amizade e afinidade.

Diz o artigo 4º do ECA:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

E convivência comunitária....

É o direito de conviver com as pessoas da comunidade de onde vieram e também onde vivem.

VAMOS PENSAR JUNTOS!

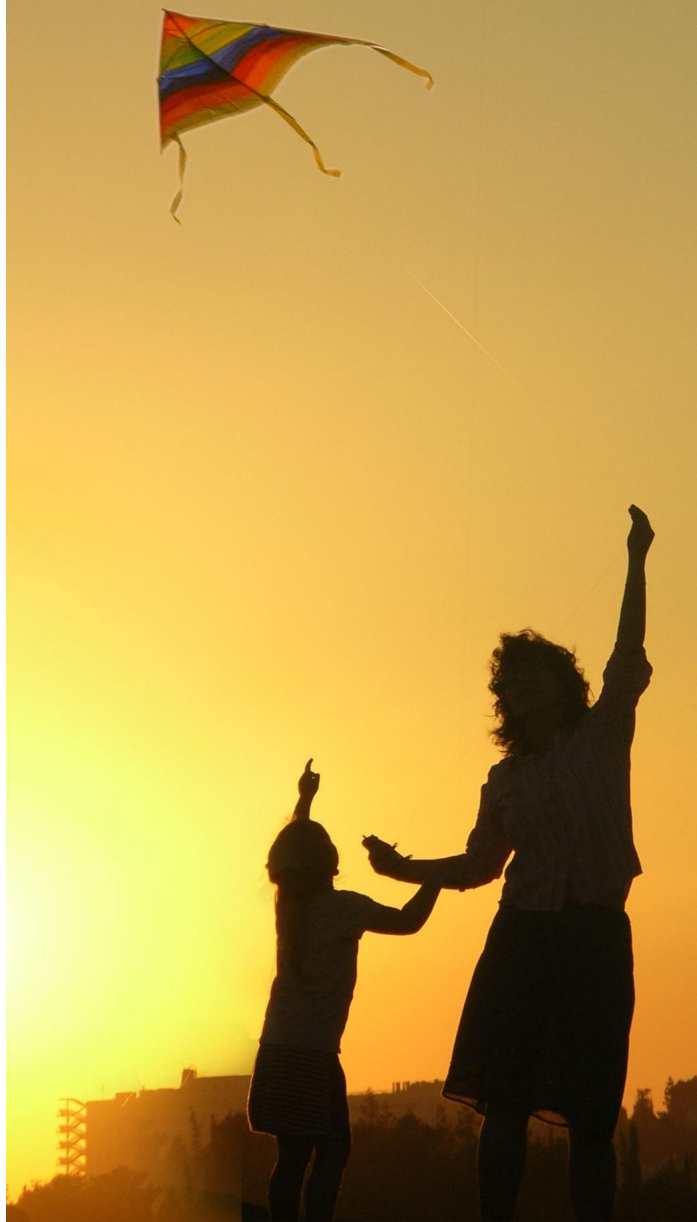


Viver e conviver em família é um direito assegurado no ECA a todas as crianças e adolescentes. Por isso, aquelas que estão afastadas de suas famílias e morando em serviços de acolhimento, com medida judicial de proteção, estão em uma situação **provisória** e **excepcional**.



Situação fora do comum. O acolhimento como última alternativa, depois que outros caminhos foram tentados.

Situação que não é permanente, que deve durar só por um tempo. Os acolhidos devem ficar até, no máximo, 18 meses no serviço de acolhimento. .



Você já percebeu que o perfil das famílias mudou muito nas últimas décadas? Novos formatos de família têm aparecido.

.

Veja alguns deles...

Famílias de casais sem filhos, por opção.

Famílias compostas por amigos.

Famílias que agregam parentes e amigos.

Famílias de casais homoafetivos com dois pais ou duas mães.

Famílias que agregam os filhos dos companheiros e companheiras.

Não há um modelo “certo” nem um modelo “normal” de família. Precisamos romper os preconceitos em relação a formas de família que sejam diferentes da nossa!



E a família das crianças e adolescentes acolhidos?

. É muito comum emitirmos opiniões e comentários sobre a família dos acolhidos. No entanto, sabemos muito pouco sobre a história que ela viveu e os desafios que enfrentou. Muitas vezes, o que enxergamos agora é só a pontinha do problema que envolve várias gerações.

Para que as crianças e adolescentes em acolhimento tenham garantido o seu direito de viver e conviver em família e em comunidade, é preciso que todos os adultos que estão ao seu redor, dentro e fora do serviço de acolhimento, trabalhem com responsabilidade e compromisso.

É preciso ter agilidade e muito cuidado, fazendo o possível para que:

- 1) A criança retorne para sua família de origem: reintegração familiar
- 2) Seja acolhida pelos avós, tios, padrinhos ou amigos muito próximos; colocação em família extensa.
- 3) Seja colocada em uma família substituta: guarda, tutela ou adoção

Família é com quem a gente conta.

O QUE O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO DEVE FAZER PARA EFETIVAR ESTE DIREITO?

Vida em comunidade

- Proporcionar e diversificar mais passeios aos finais de semana e feriados.
- Frequentar a escola,
- Passear no seu bairro e conhecer as feiras.
- Frequentar as festas da cidade onde mora.
- Ir ao supermercado, comparar preços, produtos e quantidades, saber comprar e verificar a validade.
- ir à casa de amigos para: estudar, jogar videogame, ver filme, passar o domingo, etc.



Vida em família



- Facilitar aos pais os horários de visitas, adequando-as ao horário de trabalho e rotina dos familiares.
- Permitir que os pais fiquem mais tempo com os filhos, seja no serviço, seja flexibilizando o quanto possível a permanência das crianças em suas casas.
- Permitir que os pais participem da rotina dos filhos no acolhimento, participando das refeições, dando banho, brincando.
- Os familiares devem ser envolvidos nas consultas médicas e reuniões escolares. Sempre que preciso, a equipe técnica pode apoiá-los nessas ações.

E OS EDUCADORES?

Como contribuir para efetivar esse direito?



Para garantir a convivência familiar, o educador pode

- Receber as famílias de cada um dos acolhidos com carinho e atenção, sem preconceito, Os acolhidos devem ver e sentir que os educadores são respeitosos e alegres quando seus pais chegam para a visita;
- Abraçar e acolher o choro e a tristeza dos acolhidos quando os pais não aparecerem na visita;
- Sempre relatar aos técnicos quando a criança mencionar um parente que gostava muito ou um amigo com quem conversava.



... e para garantir a convivência comunitária, o educador pode

- Levar crianças aos espaços públicos, sempre que possível;
- Levar ao supermercado, conversar sobre os preços, a validade dos produtos;
- Explicar coisas sobre a cidade e conversar durante as saídas;
- Valorizar e escutar com atenção o que elas contam sobre os finais de semana em casa ou em relação aos amigos.
- Incentivar que as crianças e adolescentes participem das atividades e passeios;
- Conversar quando não quiserem participar entendendo a não vontade deles;
- Brincar em praças.



4 PRÁTICAS EDUCATIVAS

Onde queremos chegar?

Refletir sobre o que queremos com cada ação, palavra ou atividade no serviço de acolhimento é parte do trabalho do educador.

Os objetivos de nossas ações e a reflexão sobre o que queremos com as atividades propostas, chamamos de intenção pedagógica ou intenção socioeducativa.

A intenção pedagógica nos ajuda a pensar no que vamos fazer, quando e a melhor maneira de executar. Isso serve para atividades programadas, mas serve também para pensar a rotina. A forma de acordar, de chamar para o banho e o convite que fazemos para arrumar o armário, tudo isso pode ser pensado como algo que contribui para a formação da criança.



Atenção....

Devemos evitar a repetição automática de atividades sem compromisso com as crianças e adolescentes!



ORGANIZANDO A ROTINA

A primeira organização pedagógica é a rotina. É a distribuição das atividades no tempo e no espaço.

A rotina organiza, dá parâmetros, segurança e permite um equilíbrio entre o que é fixo e o que muda.

A rotina deve sempre levar em consideração as necessidades e o bem estar das crianças e não só as necessidades dos adultos e da organização casa.



Rotina que serve aos interesses do adulto



Despertar
Higiene
Café da manhã
Serviço de saúde
Limpeza da casa
Alimentação
Escola
Ida ao parque
Sono
Organização das roupas
Assistir TV
Relatório de plantão
Higiene
Hora de dormir
Arrumação da casa

Rotina que serve aos interesses da criança e do adolescente



Acordar com música.
Um abraço de bom dia.
Café da manhã com um bate papo.
Dia de arrumar o armário.
Tirar uns minutinhos para escutar o que a criança tem a dizer.
Ajuda no dever de escola, valorizando aprendizagens.
Recepção e atenção na chegada da escola.
Apoio em momentos de tristeza.
Preparar algo especial para o amigo que veio jogar bola.
Dia do jantar preparado pelos acolhidos;
Momento de jogo.
Hora da história.
Dia de acampar na sala.



VAMOS PRATICAR !



ARRUMAR A CASA:

Introduzir as crianças no cuidado com suas coisas e seu espaço é um grande desafio e deve ser feito de acordo com o nível de desenvolvimento de cada um. Arrumar a casa, a cama, lavar a louça e cozinhar, pode e precisa ser uma conquista. Um exercício de autonomia para a vida. A criança e o adolescente não substitui os adultos nestas funções.

PROMOVER O AUTO CUIDADO:

Ajude a criança e o adolescente a melhorar a imagem que têm de si mesmo, a cuidar de seu corpo, de seus pertences e compromissos.

- Ensine a criança pequena a se lavar. Convide-a, por exemplo, a esfregar o pezinho e elogie o resultado.
- Converse com o adolescente de forma cuidadosa, sobre como se sente em relação ao seu corpo, buscando valorizar sua imagem. Caso haja algo que o incomode, tente ajuda-lo a minimizar o incômodo.
- O trajeto para a escola, horário de refeição e o momento que antecede o sono devem ser aproveitados para muita escuta e conversa.



Buscar, sempre que possível, apoiar o adolescente em suas escolhas e gostos, para que se sinta seguro e tranquilo.



ORGANIZANDO OS ESPAÇOS



A leitura e a escrita devem estar presentes, de diferentes formas, no cotidiano do acolhimento.

Converse com equipe técnica e colegas para que, de forma organizada e combinada, deixem sempre livros na sala e na cabeceira da cama. Peça que sejam disponibilizadas revistas e gibis. Convide as crianças para que façam um diário. Chame aquela criança que está aprendendo a ler a ajudar na cozinha lendo receitas. Incentive que acolhidos deixem mensagens nos murais.



Organize pequenos cantos de convivência que convidam para atividades e interações (livros, jogos).

Organize um espaço para fazer a lição de casa.

Use a criatividade e pense espaços que possam ser modificados pelas crianças e adolescentes.

As regras de um serviço de acolhimento, muitas vezes, não levam em consideração as diferenças de idade e isso pode se tornar um problema.

As próprias crianças e adolescentes devem discutir, durante as rodas de conversa, a flexibilidade das regras, levando em consideração a idade ou alguma dificuldade que a criança tenha.





5

É TEMPO DE BRINCAR


Garantir o direito ao brincar é a chave para o desenvolvimento físico, emocional e social de uma criança


Brincar é um direito garantido pela ONU (Organização das Nações Unidas) :


“Toda criança terá direito a brincar e a divertir-se cabendo à sociedade e às autoridades públicas garantirem a ela o exercício pleno desse direito

No Brasil, o direito é também garantido pela Constituição Federal e reforçado pelo ECA:

“O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: brincar, praticar esportes e divertir-se.” (Artigo 16; parágrafo IV).

 **Brincar** é um direito de toda criança.

 **Brincar** é uma forma da criança se expressar, aprender e se desenvolver.

 **Brincar** contribui para determinar o temperamento, os potenciais e as possibilidades criativas de cada indivíduo.



O QUE O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO DEVE FAZER PARA EFETIVAR ESTE DIREITO?

O serviço de acolhimento deve proporcionar espaços e tempo para as brincadeiras. Deve criar condições para que os educadores organizem a rotina permitindo que crianças e adolescentes ocupem os diferentes espaços da casa com suas brincadeiras e jogos.

E OS EDUCADORES?

Como contribuir para efetivar esse direito?

- Os educadores também precisam de brincadeira. Pode ser muito prazeroso brincar com as crianças e também com os colegas. Além disso, brincar aumenta nossa resistência aos contratempos e deixa nossa rotina mais leve e gostosa.
- Observar a criança brincando é uma forma de conhecê-la, saber seus gostos, preferências, habilidades e limites.
- Proporcionar, sempre que possível, tempo para brincadeira.
- Lembre-se, para a criança, brincar deve ser mais importante do que manter a casa na mais perfeita ordem.

AGORA, VAMOS ENTENDER UM POUCO DE COMO A CRIANÇA SE DESENVOLVE?

As crianças e adolescentes brincam de maneiras muito distintas nas diferentes etapas de sua vida. Isso porque temos fases de desenvolvimento que permitem essa ou aquela brincadeira.

O desenvolvimento de uma criança, passando pela adolescência até que se torne uma pessoa adulta, é um processo contínuo. A cada fase a criança adquire novas habilidades motoras, sociais e intelectuais.

Embora as crianças tenham um amadurecimento biológico esperado, é importante entender que cada criança é única e se desenvolve em seu tempo. Por exemplo, há crianças que começam andar aos 10 meses e há aquelas que andam com 1 ano e alguns meses.



Além de aspectos biológicos, situações de risco, stress, alimentação inadequada também interferem no desenvolvimento da criança.

Você já parou para pensar que muitas crianças podem não conseguir estudar direito porque viveram situações de violência quando eram pequenas?

Além disso, precisamos estar sempre atentos para não esperar das crianças aquilo que elas ainda não são capazes de entender.

É normal, por exemplo, que uma criança de 2 anos não consiga emprestar seus objetos, no entanto, é possível que, aos 5 anos, a criança consiga emprestar o brinquedo quando não está usando.

Algumas brincadeiras para cada etapa do desenvolvimento

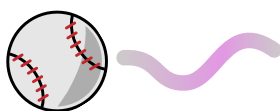
Bebes até dois anos:

Olhar, conversar, cantar, contar histórias e possibilitar que explorem objetos de diferentes formatos e cores são formas de interagir com as crianças nos primeiros meses de vida.



De dois anos até seis/sete anos.

Período de brincar de faz de conta, teatro e contos.



De sete a 11/12 anos.

Período de desenvolvimento da noção de espaço e tempo. Nesta fase, as crianças já são capazes de compreender as regras e segui-las. Jogos de tabuleiro são bacanas para essa idade.



Dos 11 até os 15/16 anos:

Período em que a criança, já quase adolescente, consegue cooperar mais e se colocar no lugar do outro. Jogos coletivos e gincanas são muito indicados para essa idade, assim como os jogos de tabuleiro mais desafiadores.



**VAMOS
PRATICAR !**



DICAS DE BRINCADEIRAS

Banho de Chuva: Tá calor? Começou a chover? Deixe as crianças livres para brincar e correr. Entre na brincadeira também.



- Festa do Pijama: ... com sessão de cinema, pipoca e café da manhã especial no dia seguinte.
- Circuito: Crie um circuito com objetos para subir, dar volta e pular. Use bambolês, cordas e elásticos.
- Cuidar de horta.
- Bolha de sabão.
- Boliche com garrafas PET: Pegue 10 garrafas e arrume-as em formato de pirâmide,
- Inventar histórias
- Dança das Cadeiras:
- Elabore uma receita e mãos na massa.
- Maratona de jogos de tabuleiro

FIQUE LIGADO !



A televisão é um canal de acesso ao conhecimento e à diversão, mas quando usada em excesso e com programas não adequados a faixa etária, ela é muito prejudicial.

Enquanto a criança está na TV, ela não cria e nem se relaciona. Diante dela crianças tendem a ficar passivas.

Crianças, principalmente aquelas pequenas, não devem ser colocadas na frente da televisão para ocupar o tempo.

Os adultos devem acompanhar a escolha dos programas, respeitando a indicação por idade.



Para um desenvolvimento saudável, a criança precisa de contato com o sol, o ar, a terra e os sons da natureza